

## NA PLATAFORMA DO ESCRITO: CARTAS ENTRE PROFESSORAS

**Maria Teresa Santos Cunha**  
**Universidade do Estado de Santa Catarina/Udesc**

*Nunca houve isso,  
 uma página em branco.  
 No fundo, todas gritam  
 pálidas de tanto.*  
 (Paulo Leminski)

Materializadas em simples e banais folhas de arquivo escolar, escritas á mão e sempre com caneta de tinta azul ,Cláudia (C.) e Lúcia (L.)<sup>1</sup> ,jovens professoras, celebram sua amizade, trocando cartas. No período compreendido entre 1º de agosto de 1967 a 19 de junho de 1968, C. enviou, do Paraná, 171 cartas para L. que vivia no estado vizinho de Santa Catarina .L. conservou estas cartas e, hoje, elas compõem um acervo pessoal com 349 folhas escritas e que se constituiu em fonte para o presente trabalho. Por escrito, elas compartilham segredos, aconselham-se mutuamente, delineiam relações com os membros do seu grupo social e muito minuciosamente trocam experiências sobre sua profissão.

A partir da análise de trechos dessas cartas, procurar-se-á dar ênfase às narrativas que tratam do cotidiano escolar destas professoras onde estão descritas/representadas as situações vivenciadas no dia-a-dia da sala de aula destacando-se os significados atribuídos a seu papel de professoras primárias. De igual maneira, busca-se realçar o modo como as missivistas escrevem, as condições de produção dessas cartas, ou seja, que campos desenhavam na plataforma do escrito/ o regime de escrita utilizado para fazer vir à tona uma história de sujeitos se construindo e se inventando pela escrita.

As 171 cartas escritas por C. recebidas e arquivadas por L. oferecem ao historiador do presente, versões e vestígios de suas experiências individuais e relações familiares o que se reveste, por princípio em “ fontes que o historiador não pode prescindir em seu ofício e que servem igualmente a outros estudiosos que se interessam por algum aspecto da vida humana, quer seja relacionada á linguagem, á escrita, á educação, às mentalidades ou aos costumes”. ( CASTILLO, 2001, p.16).

Desde a última década do século XX, vêm se intensificando os estudos sobre escritas cotidianas e práticas epistolares das pessoas comuns, chamadas de *escrituras ordinárias ou escritos sem qualidades*<sup>2</sup>,abrindo cada vez mais, um rico campo para as pesquisas sobre práticas e funções culturais da escrita na sociedade letrada que se desenvolve a partir do século XIX. Como tema de estudo, as cartas são consideradas como “ objetos nos quais estão imbricados práticas sociais” ( CAMARGO, 2000,p.205) e como tal passíveis de análise na perspectiva da história cultural, para a qual o principal objetivo é analisar o modo como “ uma realidade é construída, pensada e dada a ler”.( CHARTIER, 1989,p. 16-7).

O ato de escrever cartas pessoais/íntimas consiste em confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, através das palavras. Trocar

<sup>1</sup> Os nomes das autoras das cartas em estudo serão, doravante, citadas pelas iniciais C. e L.

<sup>2</sup> As escrituras ordinárias ou sem qualidades são aquelas realizadas pelas pessoas comuns e que se opõem aos escritos prestigiados, elaborados com vontade explícita de ‘ fazer uma obra’ para ser impressa.( FABRE,1993,11-30)

cartas, corresponder-se, escrever para alguém são formas de se expor, compartilhar experiências, vencer distâncias e ausências, construir *laços de papel*<sup>3</sup>, não raro duradouros.

A carta como uma prática de escrita partilha da constituição de um regime de sensibilidades/sociabilidades, ou seja, fala tanto de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos pois “*nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a , apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer*”.( BOLLEME, 1988,p.201). A troca de correspondências permite, também, a busca do eu, a escrita de si, a reflexão, a introspecção já que “ *escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro (...) De certo modo, a carta proporciona um face -a- face (...) pois cada um aí deve desvelar sua alma*”.( FOUCAULT,2000,p.150-1).

As cartas aqui estudadas, trocadas por duas jovens mulheres nos finais da década de 60 do século XX, praticam com particular intensidade e atenção um estilo confessional e auto referente que se intensifica ao longo do tempo em que dura a correspondência e enseja considerar esta prática de escrita pessoal como “ *um dos meios para alcançar não só um domínio do tempo que passa, mas também uma representação estável de si*”.(HÉBRARD,2000,p.30).

A troca de intimidades e sentimentos permite pensar sobre o que “*Cécile Dauphin e colegas postulam como Pacto Epistolar, uma espécie de contrato assinado de modo tácito por aqueles que se correspondem*”. ( LYONS, 1999,p. 66). Logo na primeira carta já é possível identificar esta estratégia quando C. comunica que “*vai escrever o que lhe vem á cabeça,*” afirmação que anuncia o grau de intimidade entre as amigas expresso pela troca de confidências que requer confiança, entrega, disposição de ir além da mera transferência de informações. Os textos abaixo transcritos das cartas parecem ser bem reveladores:

“*Que há de errado em mim? Porque não consigo saber o que há?  
Sou egoísta. È triste a escuridão*” ( 29/08/1967)

“*Você é minha confidente. Nós combinamos escrever aquilo que se tem vontade na hora*”. ( 02/08/1967)

Como objetos materiais, recheados de práticas culturais de uma época , as cartas são documentos através dos quais é possível apreender elementos para a construção de uma história comum a um grupo. Consideradas como *escrituras ordinárias*, produtos da cultura escrita ,a fixação das idéias e a materialização das palavras nas cartas criam/perenizam uma memória escrita que pode ser apropriada e representada em outros lugares e momentos.

No caso em estudo, seguindo-se um cerimonial epistolar cujos primórdios remontam aos finais do século XIX<sup>4</sup> e “*tentando desemaranhar a gramática social da escrita privada*” (LYONS,1999, p.61), é importante salientar alguns rituais do ato de escrever presentes nas cartas de Cláudia para Lúcia. Analisemos, por exemplo, as condições de produção das cartas , uma vez que “ *os interlocutores não estão na presença um do outro, mas, assim mesmo, pela intermediação de um objeto escrito, se desenvolve também um jogo interativo*”.( DAUPHIN e POUBLAN,2002,p.83).

As cartas iniciavam-se, sempre, pela localização espaço-temporal, prosseguiam com um vocativo carinhoso, em geral no diminutivo - “*Querida Lucinha*”- e finalizavam-se com palavras saudosas que recordavam a distância e a ausência e que, ao mesmo tempo, anunciavam o prosseguimento do assunto para o dia seguinte com a expressão sempre

<sup>3</sup> Ver Introdução do livro Destinos das Letras/ organizado por Maria Helena Camara Bastos, Maria Teresa Santos Cunha e Ana Chrystina Venancio Mignot. Passo Fundo (RS):UPF,2002,p.5-9

<sup>4</sup> Ver: Foisil, Madeleine. “ A escritura de foro privado”. IN: História da Vida Privada,3: da Renascença ao Século das Luzes/ organização de Roger Chartier. SP: Companhia das Letras,1991.p.331-369.

recorrente - “ *Por hoje é só*”. Os locais onde as cartas estão sendo escritas aparecem sempre destacados e dizem respeito aos espaços, tanto públicos como privados, por onde a remetente circula, quais sejam: “*na escola; enquanto os alunos fazem os exercícios em silêncio; durante a aula dada pela aluna-mestra; na cama, antes de dormir; no sofá novo da sala; na mesa da sala; antes de ser servido o almoço; na janela ,escutando os passáros; enquanto espera a chegada do namorado*”. Pela leitura é possível imaginar as muitas cenas descritas, vivê-las imaginariamente tal a riqueza de detalhes em que são descritas: presenças, sons, odores, objetos, são os signos que intervêm no tempo real da escritura. A escrita, por sua vez, é movida por sentimentos como “ *compartilhar meus segredos; dividir minhas dúvidas; ouvir sua opinião; deliciar-me com sua inteligência*”.

Assim, as cartas de Cláudia, pela sua arquitetura , iam esquadrinhando dispositivos que acabavam por produzir e alimentar sensibilidades, moldar afetos e inteligências , escrever um tempo, registrar episódios que legitimam o ato da escrita na constituição da individualidade do sujeito.

### Cartas de C. e L. e seu tempo

O período abarcado neste estudo ( 1967 e 1968) reveste-se de um caráter de excepcionalidade na vida política do Brasil. Vivia-se em um regime de exceção. O Golpe Militar de 1964, deu início a um dos períodos mais turbulentos da história recente brasileira que se estendeu até os inícios da década de 80. Quase tudo na vida nacional se definia na arbitrariedade, nas cassações de cidadania, na censura cultural, nos exílios e na busca implacável daqueles que resistiam em aceitar e seguir as normas impostas pela ditadura militar. As cartas não falam quase nada sobre este momento. As notícias são muito escassas, o que permite pensar que ,para a missivista, a situação do país habitava uma zona de silêncio, um território do vazio. De todo o conjunto de cartas examinado, só foi possível encontrar breves e sutis referências ao período político, embutidos em comentários gerais sobre peças teatrais que foram assistidas e um episódio a respeito de programa televisivo visto por C. em Curitiba., e cuja descrição à amiga deixa entrever uma desinformação sobre a vida política do país que , neste período estava bastante conturbada pela ampla violação dos direitos humanos ( prisões arbitrária, torturas, repressão).

“ *Fiquei vendo televisão até agora, pela TV, o último dia do festival de música popular. Estava tão bom! Você precisa ver, Lucinha, a hora em que aquele cantor quebrou o violão e jogou-o na platéia dizendo: Vocês ganharam, povo subdesenvolvido! Antes eu havia achado grossura dele fazer aquilo, mas vi o programa e dei-lhe o meu inteiro apoio. Acho que no seu lugar, jogava violão e até o piano, se fosse possível. Povo pobreza, mesmo! E era a elite de São Paulo. Este programa não pode ser passado no exterior ,seria uma vergonha para o Brasil.*” ( 07/11/1967)

Sendo C., universitária, professora, moradora de um grande centro urbano do país, seu silêncio sobre o momento político crucial, pode ser interpretado tanto como uma despolitização da vida pessoal como para uma percepção de tempo como experiência interna marcada por eventos fundadores estabelecidos a partir de suas vivências pessoais e que criam possibilidades de pensar que tais fatos não careciam de maior relevo no vivido cotidiano.

Vestígios de um tempo podem ser encontrados nas singelas cartas de Cláudia para Lúcia. São registros de aspirações miúdas, quase murmúrios interiores que , na plataforma do escrito, assumem um papel de permanência e estabilidade, sobreviventes que são das chamadas e do lixo que parece ser o destino comum dessas letras, desses *escritos ordinários* que

zelosamente preservados estão aí “*para ocultar tanto quanto para revelar. Mas essas sutis manipulações do esconder/mostrar nos levam, pelo menos, à entrada da fortaleza*”. (PERROT, 1991,p.11)

Nas cartas, entre uma notícia e outra, nos espaços marginados pelas folhas de arquivo, estão impressos dizeres e fazeres, amarelecidos pelo tempo ,e onde se pode encontrar sedimentados tanto aspectos do cotidiano e relações entre o sujeito e os outros e entre o sujeito e ele mesmo como *à entrada da fortaleza* as cartas abrem espaço, também, para o historiador interrogar sobre as condições de produção que conformam o território de uma história social da cultura escrita, em que “*fazê-la é tarefa das sociedades que se dizem democráticas e dos historiadores que assumem a responsabilidade social do seu ofício*”.(CASTILLO,1999,p.142.)

### **Notícias do cotidiano escolar : as professoras**

Em todo o conjunto de cartas escritas por Cláudia para Lúcia, um assunto bastante comentado e alvo de longas narrativas/notícias diz respeito a seu cotidiano escolar de professora primária ( ensino fundamental). Pela constância com que este tema aparece é lícito considerar-se que o fato de Lúcia também ser professora, fornecesse o terreno comum para a troca de experiências entre as duas amigas e correspondentes. Inúmeras situações são descritas e acabam dando o tom para o desenvolvimento da escrita, até pelo fato de que muitas cartas foram escritas, inclusive, no próprio ambiente escolar.

“ *Escrevo para você enquanto meus alunos fazem exercícios de matemática*”.  
( 05/08/1967)

“ *Escrevo durante a aula da aluna-mestra*”.  
( 10/10/1967)

Sua atuação como professora encontra-se investida de uma carga afetiva e de um valor existencial que qualificam a profissão como uma escolha acertada para sua vida e muitas notícias ratificam isto:

“ *Eu não sou criança, sou realizada profissionalmente como professora*”.  
( 22/11/1967)

“ *Adoro ser professora e ensinar crianças*”.  
( 20/12/1967)

C. sempre dá notícias do seu cotidiano escolar, quer como professora quer como aluna de Pedagogia e, ao mesmo tempo, procura saber da amiga sobre suas atividades e a encoraja a prosseguir na carreira do magistério:

“*Como vão suas aulas? Queria que você me falasse sobre elas, é tão bom ouvir alguém que está começando e tem bastante para dar, sem muita preguiça. Sabe, isso nos dá forças e ânimo, ou ainda, vontade se ser igual. Só Ter vontade é algo muito bom*”.  
( 17/08/1967)

“*E você, já começaram seus serviços? Fiquei alegre em saber dos seus progressos no campo do magistério*”.  
( 01/03/1968)

Pela passagem do “Dia do Professor” - 15 de outubro - <sup>5</sup> as notícias giram em torno das homenagens recebidas e a ocasião propicia que se fale sobre a carreira do magistério, em cartas sucessivas e esta frequência indica o prestígio que a profissão ainda tinha na sociedade:

*“Em primeiro lugar parabéns pelo seu dia. Tudo de bom na sua carreira maravilhosa (deixa eu falar da minha, tá?) As flores vêm chegando a toda hora. Nossa casa está enfeitada”.* (15/10/1967)

No dia seguinte, outra carta registra a seqüência das homenagens:

*“Meus alunos prepararam uma festa para mim e tive uma enorme surpresa quando entrei na sala. Minha mesa estava forrada de tortas e bolos e ganhei vários chaveiros de presente. Flores, então, nem se fala. Acho que vou ter que comprar alguns sos lá em casa, pois nem encontrei lugar para colocá-las”.*( 16/10/1967)

A relação com os alunos e alunas é descrita, muitas vezes, envolta por um halo de carinho maternal. As crianças são chamadas de *pequenos filhos, anjinhos, aluninhos* e sempre precedidos dos pronomes possessivos *meus*.

*“ Meus anjinhos estão em prova e hoje fazem matemática”.*  
( 28/11/1967)

*“Estou na sala de aula ( 5º ano). Meus pequenos filhos fazem exercício de gramática e eu aproveito ( se bem que não está certo) o tempo para lhe responder a carta de ontem. Você merece”.*  
( 07/08/1967)

O fato de referir-se aos alunos como filhos e anjinhos mostra, ainda, uma dada permanência do “*magistério como uma extensão da maternidade, em que cada aluna ou aluno era representado como um filho ou filha espiritual e a docência como uma atividade de amor e doação a qual acorreriam aquelas jovens que tivessem vocação*”. (LOURO,1997,p.451). Entretanto, inúmeras vezes, C. também vai falar de seus alunos e alunas de maneira até irônica, vai queixar-se deles e de suas atitudes em sala de aula, o que permite pensar que o espaço privado da escrita cria condições para um certo desnudamento, para uma certa exteriorização dos sentimentos imanentes à prática epistolar :

*“ ...depois alunos pela manhã, alunos pela tarde ,sempre alunos. Francamente, ‘estou até aqui’ de alunos (...). Quero esquecer que sou professora... Nós não vamos mais falar muito de aulas, não é?”.*( 04/12/1967)

---

<sup>5</sup> Sobre a origem da comemoração do Dia do Professor no Brasil, ver o trabalho de VICENTINI, Paula Perin. “Imagens e Representações na História da Profissão Docente no Brasil ( 1945-1964)”. Relatório do Exame de Qualificação/Doutorado/USP/ 2000, especialmente o item 3. ‘ Prestígio e Pobreza: O Dia do Professor na História da Profissão Docente’ .p. 78-101.

*“Hoje meus alunos estão rebeldes. Andei dando umas broncas Conto para você porque é minha amiga. Sinto-me tão solitária, mesmo em sala de aula”.*

( 12/03/1968)

O sentimento do dever, a responsabilidade da função estão sempre presentes. No início do 2º semestre letivo do ano de 1968, C. escreve uma longa carta em que se recrimina à amiga L. por sua suposta fraqueza no trato com os alunos:

*“ Acho que estou ficando ‘ fracota’. Se chego em casa morrendo não é por culpa deles, mas sim, da minha fraqueza. Acho que já perdi aquelas forças superiores que toda professora deve Ter. isto não é nada bom!”.*

( 08/08/1968)

Merece registro o elevado grau com que C. via e representava o papel de professora: como alguém com *forças superiores*, um ser especial que não se esgotaria nas suas dimensões técnicas de apenas dominar o conteúdo. Situação semelhante é contada em outra carta em que sinaliza para o senso de dever:

*“ Pena que eu tenha tantas provas para corrigir, gostaria de continuar conversando com você, é sempre tão bom! Mas o dever... você sabe! Deverei entregar as notas até amanhã e estou atrasadíssima, pois só hoje apliquei o teste em todas as turmas. Vai ser ‘fogo’, mais uma madrugada acordada, corrigindo provas! Não importa, o essencial é ter paz de espírito, o resto fica tudo mais fácil!”.*

( 27/09/1967)

As cartas vão se constituir em *pequenos* lugares onde se quebra o silêncio sobre o imaginário de enobrecimento que cerca a figura da professora. Mesmo que esteja presente, ainda, um discurso de doação, renúncia, há uma reafirmação de imagens que, pelo ato criador na escrita, inscreve o sujeito - professora mais distanciado deste mesmo discurso absolutizador que enobrecia a profissão docente, uma vez que para ocupá-la era preciso estar na condição de um ser superior, capaz de superar as questões cotidianas e se entregar, com abnegação, à causa escolhida. Como afirma Catani :

*“ ...neste vocabulário de abnegação e devotamento, as professoras quase não tiveram lugares de dizer de seus demônios, das decepções, da mesquinharia da formação, de experiências de violência que sofreram, do tédio dos cursos, da insolúvel contradição entre teoria e prática, de todo um processo que acabou, enfim, por lançá-las, na sala de aula, numa inexprimível solidão”.* ( CATANI et al, 1997, p.28-9)

O relato de fragmentos da vida de professora e aluna de um curso de Pedagogia, cuja construção se deixa entrever nas cartas, cria pelo conteúdo informativo da carta, um jogo interativo entre remetente/destinatário onde C. ao apresentar-se e apresentar suas atividades minuciosamente constrói a representação que lhe é mais conveniente.

Considerando-se que L. tinha desejos de cursar uma faculdade e já era professora primária, parece significativa a abundância de relatos sobre o assunto: as aulas dadas, os alunos, o tempo regido pelas atividades escolares – *escrevo no recreio; na aula da aluna-mestra, enquanto fazem exercícios* -, as dificuldades e percalços do ofício de ensinar. O relato dos fazeres e pensares em sala de aula se intensifica quando C. passa a contar sobre as novas propostas de ensino que diz estar aprendendo na faculdade de Pedagogia. Tudo indica que na sala de aula a teoria se atualiza, não raro sendo confirmada, outras não preenchendo as expectativas da professora, mas sempre provocando a busca e a criação de outras alternativas para sua atuação no magistério, como aparece explicitado na carta abaixo:

*“ Todas as técnicas de orientação que aprendi o ano passado e que aprenderei este ano nos meus estágios, quero ver se aplico-as no 5º ano. No primeiro dia de aula já aproveitei para aplicar um teste. Os resultados eu os coloquei em cada ficha. É bom mesmo começar desde o 1º dia para não atrapalhar o bom andamento do serviço. Quero que minha turma seja o modelo, não só do colégio, como das turmas que já tive até hoje e terei”.* ( 08/08/1968)

*“ Tive três aulas fabulosas, ontem e hoje, de Psicopatologia, Psicoterapia e Testes Estou bem entusiasmada com meu curso que está cada vez mais para frente, só que está muito pesado. Tenho saído da faculdade, todos os dias às 8 horas e será assim todos os dias, mas não faz mal, pelo menos se aproveita muito ,prefiro assim que uma coisa ‘matada’”.* ( 18/08/1967)

Longas cartas no mês de novembro de 1967 enfatizam a defesa das atividades práticas desenvolvidas pelo Professor M. em aulas de Psicoterapia. São descrições das técnicas de dinâmica de grupo, experiências de trabalhos em equipe que , para a época, são bastante novas. Através destas práticas de escrita epistolar é possível perceber uma preocupação que transcende o conteúdo que se quer transmitir, visto haver uma preocupação com a forma como a correspondência chega a seu destinatário. É importante ressaltar, neste aspecto, outras preocupações da ordem do simbólico expressas pelas desculpas com o tamanho e feitio da letra e mesmo a troca de caneta que alterava a grafia usual, além da presença de outras pessoas no ambiente em que estava sendo escrita a carta e que “inibiam” a livre expressão da autora. Estes detalhes, aparentemente ínfimos, possibilitam ao historiador reconhecer aspectos das condições de produção de correspondências, as imposições simbólicas e materiais que instituíam um regime de escrita no período em questão:

*“ Desculpe a letra feia e os rabiscos. A letra foi por causa da bebida e os rabiscos foi descuido meu e dessa caneta ruim.”* ( 04/11/1967)

*“ Estou escrevendo às pressas, sem muito tempo, sem muito capricho com a letra porque quero enviar a carta hoje.”* ( 31/08/1967)

*“ Hoje tenho que ser breve porque a sala está cheia de gente, o quarto está com tinta fresca e perto deles é difícil me concentrar para falar seriamente com você. Amanhã espero que tudo volte ao normal”.* ( 10/05/1968)

Estes papéis do passado guardados em um arquivo e zelosamente preservados por L. mostram um lugar possível de diálogo entre duas amigas que estão distantes. A análise desse material, em seus suportes, conteúdos e condições de produção, ainda que pouco explorada requer *“ modos de aproximação de índole etnográfica, um enfoque centrado em espaços sociais restritos e práticas bem definidas (...) e configurados em um espaço e um tempo determinados”.* ( VIÑAO, 1999,p.294)

As cartas como *escrituras ordinárias* mostram em traços firmes e/ou inseguros uma relação pessoal com o universo da escrita., através delas *“abre-se a possibilidade de (re) conhecer outras maneiras de viver e de narrar o vivido. Com elas, enfim, ‘devolvemos’ uma certa visibilidade a muitos protagonistas anônimos do acontecer coletivo”.* ( CASTILLO, 2000, p. 11). Para além das interpretações que suscitam , o trabalho procurou mostrá-las, também, em suas várias formas materiais, tentando compreender em que situações do cotidiano dessas mulheres e professoras estas possibilidades de estabelecer correspondências eram instauradas. Assim, não só o conteúdo do que estava ‘indo’ e ‘vindo’ pelos Correios mas, o ‘onde’ e o ‘como’ elas estavam sendo produzidas. Citando Chartier , é possível pensar

que “ a tarefa do historiador é, então ,a de reconstruir as variações que diferenciam os espaços legíveis- isto é, os textos nas suas formas **discursivas e materiais**<sup>6</sup> -ou seja, as leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação”.( CHARTIER,1994, p.12)

Lendo cartas, comentando vidas, imaginando cenários de escrita, folheando papéis amarelados pelo tempo, este estudo pretendeu empreender, ainda que sem quaisquer garantias de finalização, uma história de um regime de escrita – a carta. Pretendeu-se mostrar que a correspondência entre pessoas comuns pode conter engenhosidades em seus assuntos, iluminar práticas, hábitos e valores, construir representações de época e como, através delas as pessoas se constroem/se inventam na e pela escrita., um ato criador que inscreve/escreve o sujeito nas mais variadas formas.

Cláudia derramando-se em 171 cartas, cobrindo a simplicidade do seu presente e Lúcia arquivando e preservando esta memória de papel , agora mais publicizadas criaram condições para que se visse mais e diferentemente outros eventos, acontecimentos, lugares, situações e pela singularidade de uma escrita confirmam a sensação de que o escrever é , além de uma forma de contornar a ausência, uma tentativa de suplantar a finitude.

### **Referências Bibliográficas:**

BOLLÉME, G. **O povo por escrito**. São Paulo: Martins Fontes,1988.

CAMARGO, M.R.R.M. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser.... In: MIGNOT, A . C .V; BASTOS, M.H.C; CUNHA, M.T.C; (orgs).**Refúgios do Eu. Educação, História, Escrita Autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.p.203-228.

CASTILLO GÓMEZ, A.(ed).**Cultura escrita e clases subalternas: una mirada española**. Madrid: Sendoa, 2001.

\_\_\_\_\_. Del signo negado al signo virtual. Cambios y permanencias en la Historia Social de la Cultura Escrita. **Signo. Revista de la Historia de la Cultura Escrita**, Madrid, v.6, p.113-143, 1999.

\_\_\_\_\_. Un archipiélago desconocido. Archivos y escrituras de la gente común.**Arquivamos. Revista Trimestral de la Asociación de Archiveros de Castilla y Leon**. Castilla y Leon. v. 38 , p. 6-11, 2000.

CATANI, D.B. et al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: CATANI, D.B. et al (orgs).**Docência, Memória e Gênero. Estudos sobre Formação**. São Paulo: Escrituras, 1997. P. 15-48

CHARTIER, R. **História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel,1989.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora da UnB, 1994.

---

<sup>6</sup> O grifo é meu para destacar que o esforço, neste trabalho, tem sido o de perseguir esta tensão.

DAUPHIN, C; POUBLAN, D. Maneiras de escrever, maneiras de viver. Cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, M.H.C; CUNHA, M.T.S; MIGNOT, A .C.V; (orgs). **Destinos das Letras. História, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: Editora da UPF, 2002. p.75-87.

FABRE, D. (org). **Par écrit. Ethnologie des écritures quotidiennes**. Paris: Maison des Sciences de L'Homme. 1997.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Portugal: Passagens, 2000.

HEBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escrita pessoal e seus suportes. In : MIGNOT, A .C.V; BASTOS, M. H.C; CUNHA, M.T.S; (orgs). **Refúgios do Eu. Educação, História, escrita Autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. P.29-61.

LOURO, G.L. Mulheres em Sala de Aula. In: DEL PRIORE, M. (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p.443-480.

LYONS, M. **A palavra impressa: Histórias da Leitura no século XIX**. Rio de Janeiro: casa da Palavra, 1999.

PERROT, M. Introdução. In: **História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 11.

VIÑAO FRAGO, A. **Leer y Escribir. Historia de dos practicas culturales**. Mexico: Fundación Educaci[on Voces y Vuelos, 1999.